
mesa posta
2
no
Largo da
Estação



Viver a Cidade

Virgínia Fróis

Fazer nossa a Cidade
Viver será deslizar no tempo, nas referencias que as paisagens produzem em nós, ficções, imaginações. No acto de percorrer os lugares estabelecem-se conexões entre o real e as nossas memórias. *Sentir* o irregular das pedras que os nossos pés tacteiam com cuidado. Sobrepostas as pedras e os passos, o tempo e as vidas já vividas. *Parar* muitas vezes e olhar, um espelho que nos devolve a densidade de existir, o aqui agora.

Ver.
Como é que a cidade move o nosso pensamento e propõe um transito do visível para o invisível? O filosofo José Gil, falava a propósito do *Livro do desassossego* de Bernardo Soares (um outro) de uma névoa sobre as paisagens que nos permitem ver para além do real, como a nossa imagem num espelho nos permite aceder ao duplo que existe em nós. Uma emoção breve, um pulo para o virtual. Por um momento breve o passado e o futuro agora. Emoções... um ver para além de. Por um momento uma visão interior. Pensamos com visões? *

(*) A partir da frase final O artista pensa com visões, proferida por José Gil
Colóquio "O dia Triunfal de Fernando Pessoa" FCG, Março 2014

“ Temos ali um espaço fantástico, onde se pode fazer coisas fantásticas e por tanto não há necessidade nenhuma de todos os dias haver o choque de passar e ver aquilo cada vez pior. ”

O jardim



Vitor Guita

A estação e o seu jardim eram lugares de ir e vir, mas também de ficar, de brincar, de trabalhar.

Os tempos áureos do caminho-de-ferro fizeram daquela zona um espaço de referência.

Especialmente nas noites quentes de Verão, eram muitos os que desciam até ao jardim fronteiro à estação, à espera de ouvir o silvo do comboio, que havia de trazer familiares, amigos, soldados, muita outra gente e uma carrada de mercadorias.

DE

MONTIJO - MONTEMOR - MOURA

Horário em vigor desde 22 de Outubro de 1978

RAMAL DE MONTIJO

Circulações ASCENDENTES					Estações e Apeadeiros		Circulações DESCENDENTES				
9321	9323	9325	9327	9329			9322	9324	9326	9328	9330
Regional	Regional	Regional	Regional	Regional			Regional	Regional	Regional	Regional	Regional
1ª	2ª	2ª	2ª	2ª			2ª	2ª	2ª	2ª	2ª
h m	h m	h m	h m	h m			h m	h m	h m	h m	h m
	6 00	10 16	15 55	17 56	LISBOA (Terreiro do Paço)	C.	8 00	8 55	13 55	17 50	21 16
	6 30	10 45	16 25	18 26		P.	7 30	9 05	14 55	19 20	21 56
(a)							(a)		(a)		
5 04	6 58	10 50	16 50	18 15	BARREIRO	C.	7 35	8 56	14 30	19 17	20 36
5 56	7 46	11 21	17 29	19 45	Pinhal Novo	P.	6 55	8 26	14 00	18 40	19 56
6 06	7 09	11 30	17 50	19 06	PINHAL NOVO	C.	6 55	8 02	13 35	18 29	19 16
6 19	7 18	11 39	17 59	19 09	Jardia (par.)	P.	6 45	7 52	13 25	18 20	19 06
6 15	7 24	11 46	17 46	19 15	Serrilhas (par.)	P.	6 37	7 45	13 17	18 12	18 57
6 21	7 30	11 52	17 52	19 21	MONTIJO	C.	6 30	7 38	13 10	18 15	18 50

(a) — Não se efectua aos domingos e feriados oficiais.
(b) — Não se efectua aos sábados, domingos e feriados oficiais.

RAMAL DE MONTEMOR

Circulações ASCENDENTES				Estações e Apeadeiro		Circulações DESCENDENTES			
8321	8323	8325	8327			8320	8322	8324	8326
Regional	Regional	Regional	Regional			Regional	Regional	Regional	Regional
2ª	2ª	2ª	2ª			2ª	2ª	2ª	2ª
h m	h m	h m	h m			h m	h m	h m	h m
	7 55	13 00	16 00	LISBOA (Terreiro do Paço)	C.		11 05	17 05	22 10
	8 55	13 50	19 55		P.		10 05	16 35	21 40
	9 13	13 40	18 40	BARREIRO	C.		10 23	16 23	21 30
	9 01	14 29	19 21		C.		9 05	15 05	20 40
	9 02	14 29	19 33	Vendas Novas	P.		9 03	15 03	20 40
	9 16	14 42	19 49	Torre da Gadanha	C.		8 47	14 47	19 25
8 00	9 25	15 30	20 30	TORRE DA GADANHA	P.	7 31	8 41	14 37	19 41
8 11	9 36	15 41	20 41	Pardo (ap.)	P.	7 40	8 50	14 21	19 50
8 23	9 50	15 55	20 55	MONTEMOR-O-NOVO	C.	7 55	8 55	14 05	19 15

No comboio das onze e meia, vinham também, diariamente, os estafetas, carregados de sacos de lona verde. Por vezes, tinham de socorrer-se de ajudantes para empurrar os carros de mão, rua acima, com cargas piramidais. Havia quem lhes saltasse ao caminho, na esperança de obter, quanto antes, as tão desejadas encomendas vindas da capital: caixas de medicamentos, sobressalentes para a bicicleta ou o automóvel, as cabeleiras do teatro, um livro raro, documentos os mais variados.

Tempos houve em que as bobines do cinema eram transportadas pelos estafetas, em grandes e redondas caixas de metal.

Recuando um bom par de anos, à época em que não havia viaturas de socorro motorizadas, a estação era ponto de partida e de chegada da velha maca dos bombeiros. A maca de lona esbranquiçada, assente em quatro frágeis rodas, foi, durante algum tempo, a ambulância de serviço para as urgências da população. Dois dias era quanto durava a viagem de ida e volta a Lisboa, para transportar um enfermo. Uma eternidade!

Enquanto o comboio não chegava, molhava-se a goela no quiosque do jardim e roíam-se umas pevides e uns tremoços bem salgados. Os mais pequenos aproveitavam para se refrescarem no fontanário e para brincarem às escondidas por entre labirínticos arcos de verdura. Era inconfundível o cheiro do buxo e da terra molhada.

Ao longo dos anos, o terminal ferroviário funcionou como lugar de cargas e descargas. Junto aos passeios, estendiam-se filas de carroças e

outras viaturas para levarem ou trazerem mercadorias. Antes da hegemonia dos transportes rodoviários, era no comboio que chegavam muitas das frutas, dos legumes e do peixe com que se abastecia o mercado. Era também ali o cais de carga e descarga de numerosas cabeças de gado, de carvão, de cereais, de mercadorias mil.

Do lado de lá da linha, ficavam os imensos celeiros, onde se armazenavam os grãos colhidos aqui, na zona. Mal acabavam as ceifas e as debulhas, era um corrupio de tractores, algumas camionetas e, em especial, carroças, muitas carroças, que vinham ali depositar o produto das colheitas.

Dos celeiros saíam, depois, em vagões, toneladas e toneladas de sacos de trigo, carregados às costas por um formigueiro de homens, equilibrando-se sobre estreitas pranchas de madeira.

Além dos celeiros e da Ceres, uma grande fábrica de moagem, em toda aquela zona da estação fervilhavam lagares, tabernas e outro comércio.

As tabernas eram ponto de encontro de carreiros, leiteiros e muita outra gente de trabalho. A paixão pelo vinho e as viagens solitárias que tinham de enfrentar faziam com que alguns deles fizessem ali uma paragem quase obrigatória. Antes de partirem, estrada fora, em carroças, havia os que se aviavam em terra, por vezes de forma desregrada. Valiam-lhes os animais, que já conheciam todos os buracos e curvas do caminho.

No topo sul do triângulo ajardinado, situava-se o edifício da Central, de onde saía boa parte da energia eléctrica que alimentava a vila. Ao lado, num terreno limpo de ervas, ficava um dos campos da bola mais procurados pela rapaziada. Ali se disputavam, diariamente, acesas jogatanas.

Ficaríamos mil e uma noites a revisitar memórias da estação e do seu jardim. Deixamos aqui este retrato incompleto.

"(...) as minhas irmãs trabalhavam em Lisboa e vinham uma vez por mês. Vinham à terra. Ainda me lembro. Já foi há uns 30 anos. Ainda eu era solteira e vinha com a minha mãe esperar as minhas irmãs. Era uma alegria! Vinha muita gente, não é? Era giro, eu gostava!"



Estação ferroviária

“ A ecopista para mim é o meu caminho de ida e vinda para casa e para a cidade, porque eu não tenho carro, portanto ando sempre a pé. Quando venho a Montemor para as compras ou para o que quer que seja eu venho a metade do caminho e depois é terra batida. Tirando o rio que às vezes cheira um bocado mal, de resto é agradável. ”

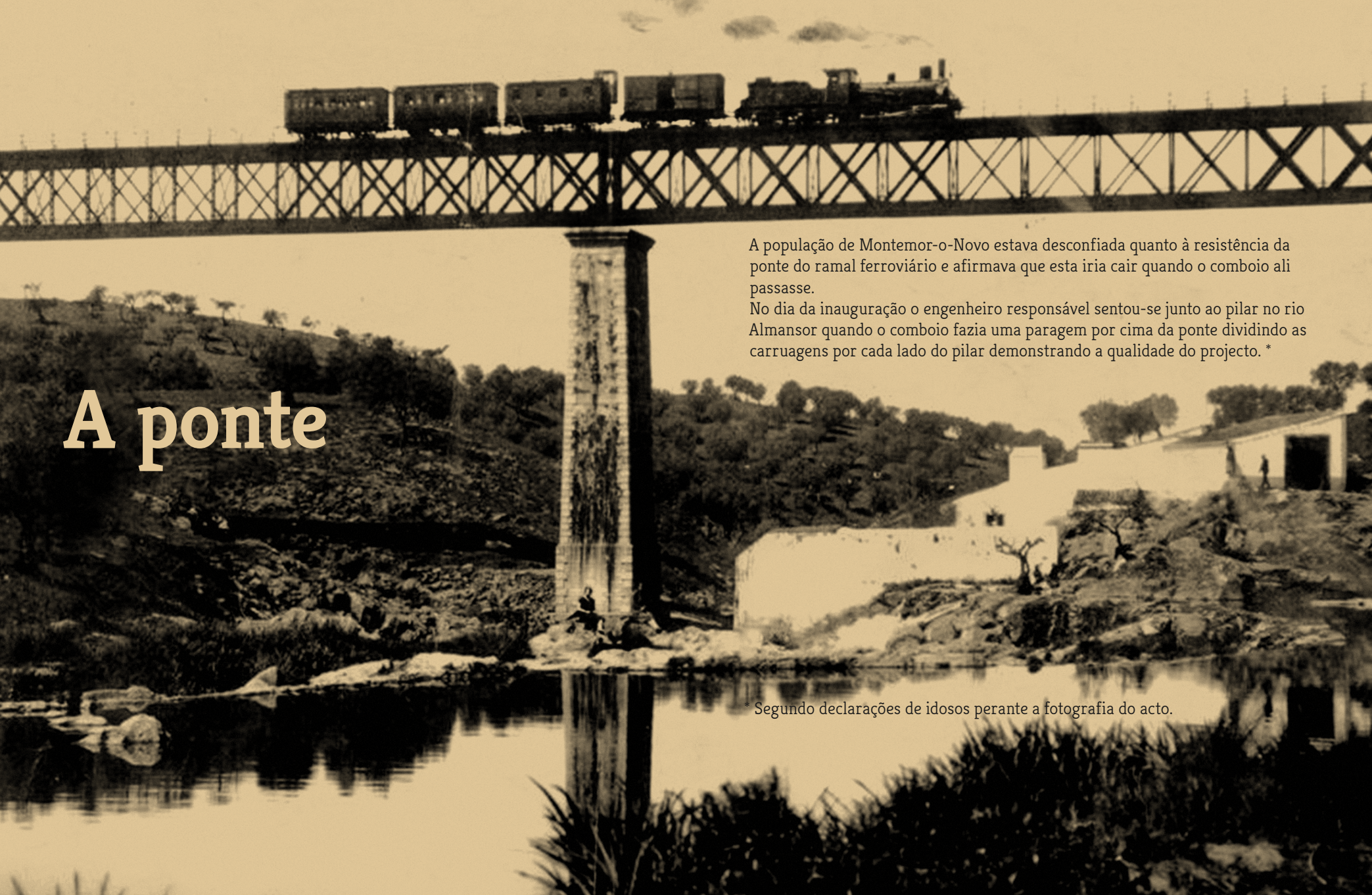


A ecopista

A quando das Invasões Francesas do inicio do séc. XX, foi projetada por Gustave Eiffel a ponte ferroviária, para servir o Ramal de Montemor – Torre da Gadanha, permitindo a passagem do comboio pelo Almansor e inaugurada a 2 de Setembro de 1909.
Esta obra, com cento e dois metros de extensão e 33 m. de altura foi encerrada em 1988.
Poucos anos depois os carris foram removidos, ficando as travessas de madeira. Este troço desenvolve-se no sentido nordeste-sudoeste, numa extensão de aproximadamente 13 km. Tem uma das extremidades na cidade de Montemor-o-Novo, passa pela povoação e respectivo apeadeiro do Paião, terminando na estação de Torre da Gadanha , onde se estabelece a ligação com a linha férrea ativa (atualmente sem serviço de passageiros) e com a Rede Local de Turismo de Natureza já implementada.

Foi neste troço que em 8 de Março de 2009 foi inaugurada a Ecopista do Montado.
A ecopista atravessa uma importante área natural – o Sítio de Monfurado, que alberga espécies de flora e fauna de interesse comunitário. Trata-se de uma área dominada por importantes montados de sobro e azinho, bastante bem conservados e uma zona de grande importância para a conservação de diversas espécies de morcegos. Os trabalhos de adaptação deste antigo ramal a Ecopista contemplaram, em termos muito gerais, a limpeza, regularização do piso e pavimentação com betuminoso de parte do percurso (cerca de 4 km), a requalificação do apeadeiro do Paião, do Largo da Torre da Gadanha e o arranjo paisagístico da entrada na Ecopista junto à antiga estação de Montemor, a criação de áreas de descanso ao longo do trajeto, a construção de um miradouro e o arranjo da ponte de caminho de ferro.

A ponte



A população de Montemor-o-Novo estava desconfiada quanto à resistência da ponte do ramal ferroviário e afirmava que esta iria cair quando o comboio ali passasse.
No dia da inauguração o engenheiro responsável sentou-se junto ao pilar no rio Almansor quando o comboio fazia uma paragem por cima da ponte dividindo as carruagens por cada lado do pilar demonstrando a qualidade do projecto. *

* Segundo declarações de idosos perante a fotografia do acto.



A estação,

o fim de linha ou o fim da linha?

texto (s/A.O.) de nuno Cacilhas

É porque aceitei o desafio de escrever um texto sobre as memórias que guardo das noites passadas em Montemor-o-Novo na década de 90 que me encontro sentado neste banco do jardim, defronte à antiga Estação Ferroviária, também conhecida como a antiga Discoteca Estação, um espaço nocturno de incontornável referência nessa década.

Na altura, e agora em todas as minhas memórias de então, mesmo naquelas em que não estavam presentes, os dois holofotes, como aquele do Batman, iluminavam o céu nocturno de Montemor-o-Novo. Um Gin tónico, por favor. A luz nos céus, em movimentos circulares, fazia-me lembrar qualquer coisa de Las Vegas. Não que eu tivesse visitado aquela cidade, mas podia supor que existissem por lá umas tantas luzes daquelas. Estas, vinham da Discoteca Estação. As paredes ficaram de pé, os vândalos não sabem usar martelo e escopo. Pensei nisto enquanto entrava pela porta meia derrubada meia fechada e olhava para as janelas destruídas por pedras que ainda permanecem no local. A luz que entrava pelos buracos das janelas denunciava a forma das pedras agressoras, as culpadas surgiam, os culpados não. O bar era em frente e a pista era à esquerda. No piso superior, a parte visivelmente mais destruída, a música era outra, ritmos como a bossa nova preenchiam a maioria das noites, onde os mais ávidos com os pés se expressavam e os outros conversavam, sentados em mesas e cadeiras de madeira, apoiados em copos e cigarros. A entrada dos clientes era feita pela porta principal depois do porteiro decidir quem poderia ou não entrar. Cheguei a ficar à porta durante algum tempo, era normal para os homens pois só podiam entrar acompanhados, pelo menos, para homens-rapazes como eu. Havia

sempre vários seguranças, o que se justificava pois o movimento nocturno da altura despertou diferentes rivalidades entre grupos e não raras vezes floriam autênticas sessões de porrada. A entrada era brilhante, todo o edifício emanava luz e vida por dentro e por fora. Sempre apinhada de gente, sempre com fila para entrar, a Estação recebia pessoas de todos os pontos do concelho, mas também de Évora, de Lisboa, e de outras cidades próximas, vinham bem vestidos e com dinheiro no bolso para gastar. Hoje, digo hoje mesmo, creio que para além de mim ninguém mais veio cá. Nem, talvez, nos últimos anos. Excepto, obviamente, aqueles que usaram aquele preservativo abandonado e aqueles que deixaram ali o tacho, ou aqueles que escreveram aquelas letras na parede, que agora não consigo decifrar.

Olho para este edifício abandonado e cada memória que recupero é à custa das cinzas de hoje. As paredes ainda estão de pé e reclamam por uma nova etapa, uma nova vida, novos projectos, mas o fim da linha parece aproximar-se da Estação que foi outrora e, desde sempre, a Estação do fim de linha.



A rua



Antiga Central Eléctrica

Pedro Peres e sua mulher Dona Maior declaram, para descanso da sua alma, que dão aos frades de Évora uma herdade – de que faz parte uma vinha e uns moinhos.
Ao descrever as extremas do que julgamos serem os terrenos em que assentavam os mencionados moinhos, indica-se que a nascente e a sul confrontam com D. Pelágio, a poente com Pedro Peres, e a norte com o rio Canha. D. Pelágio com terras que confrontam com aqueles por dois lados, o que poderá apontar para a existência de uma importante personagem com propriedades no termo de Montemor, não só pelo "dom" que precede o nome próprio e o distingue da mais de dezena e meia de nomes indicados no traslado, como por poder tratar-se do então bispo de Évora – D. Pelágio ou D. Paio.

A mesa

Caspacho

Ingredientes: alho esmagado, cebola às rodelas fininhas, maçã cunha aos pedacinhos, pepino aos quadrados, azeitonas, azeite, vinagre, sal, orégãos, água muito fresca, sopas fininhas (pão fatiado fino). Facultativo: tomate, pimento.

Método: metem-se todos os ingredientes numa saladeira funda, junta-se a água bem fria e por fim as sopas fininhas (que podem ser servidas separadamente). O Caspacho acompanha tradicionalmente carapau frito ou sardinhas assadas.

Tomatada de ovo e bacalhau

Ingredientes: muito tomate esborrachado maduro, cebola, alho, azeite, bacalhau, ovos, pimentão às lascas, orégãos a fugir, sal, sopas fininhas.

Método: Refoga-se o alho e a cebola e adiciona-se o tomate. Deixa-se cozinhar o tomate e adiciona-se a água. Junta-se o bacalhau e o ovo a escalfar. Apaga-se o lume e adicionam-se as lascas de pimentão e os orégãos a fugir. Corrige-se o sal. Serve-se com sopas fininhas.

A mezinha

Centeio

Utilizado no combate às diabetes, em chá: 50g de palha com 1 l de água, deixar ferver cerca de 3 min.
A farinha diluída em água forma uma cataplasma muito boa para aplicar em todas as doenças de pele. Consumido de vez em quando, em flocos, é um bom preventivo contra a arteriosclerose, prisão de ventre e hipertensão. É preciso ter cuidado na sua colheita, a que se chama a cravagem do centeio, que provoca doença grave se não houver o cuidado de detectar e retirar as espigas contaminadas.

Hortelã Pimenta Cultivada

Para as senhoras grávidas que sofram geralmente de insónias, falta de apetite e nervoso. Para estômagos fracos, é um bom auxiliar da digestão. Para as diarreias crónicas, gases intestinais em abundância e menstruações dolorosas. Para reabilitar as pessoas idosas, principalmente nos homens, que ajuda bastante a recuperarem a sua actividade sexual. Para as dores de cabeça, cólicas de qualquer espécie, constipações e catarros em geral, para os vómitos e acidez, para acalmar as palpitações mórbidas cardíacas. Tudo isto em chá: ferver 20 g para 1 l de água, 1 min. apenas, deixar de infusão 10 min. e tomar 3 vezes ao dia. É melhor ainda misturada com cidreira e tília.

Loureiro

Na medicina tem aplicação nas seguintes questões: digestão, menstruação, falta de sono, gripe bronquite. Deve-se usar em chá da seguinte forma: um punhado de folhas de loureiro, não muito grande, para 1 l de água, levantar fervura e deixar de infusão 10 min. Tomar 3 vezes por dia for a das refeições. Uso externo: reumatismo e picadas de insectos, etc. Usam-se as bagas pisadas sobre as zonas doridas e, a seguir, friccionam. se os locais e abafa-se ou, ainda, 2 dl de álcool, a mesma quantidade de bagas pisadas, massajar e friccionar, durante 10 dias, as articulações doridas ou outros locais do corpo, que tenham ido atingidos pelo reumatismo ou gota.

A Ciranda

– Associação de Artesãos e Artistas Plásticos da Região de Montemor-o-Novo, constituída em 1997, tem como principais objectivos a promoção, divulgação e valorização do artesanato da região, levando os artesãos a contribuir para o progresso do meio social em que se inserem.

A Ciranda tem artesãos na área da cestaria, trapologia, pintura alentejana, olaria, trabalhos em pele e couro, pintura em tecido, artes decorativas e outros. Com vista à prossecução dos seus fins, colabora com entidades oficiais e outras, em acções cujos objectivos sejam coincidentes.

A Associação promove e desenvolve acções de formação profissional de artesãos e jovens candidatos a artesãos, nomeadamente através da criação de escolas de artes e ofícios, de workshops e seminários.

O artesanato produzido na nossa região é eminentemente utilitário e revela-nos uma ruralidade em extinção. Toda a sua produção se inscreve em harmonia com os recursos naturais, utilizando matérias-primas acessíveis, transformadas pelo saber aprofundado das mãos dos artesãos.

A canção

"O CASTELO"
Vem daí. Vem ver o festival de cor que
a Natureza esbanja, aqui, à toa.
Vem daí ouvir, à hora do calor,
a rústica flauta de ignoto pastor
e as canções que entoa.

Estão as searas a ficar doiradas,
por este Alentejo prenhe de trigais,
e as espigas cheias, luzidias, gradas,
beijam as papoilas que, envergonhadas,
enrubescem mais.

Depois, quando vires tudo isto,
não terás mais lugar seja para o que for.
Iremos beijar-nos, ébrios de paixão;
Iremos correr, saltar, cair no chão
e fazer amor!

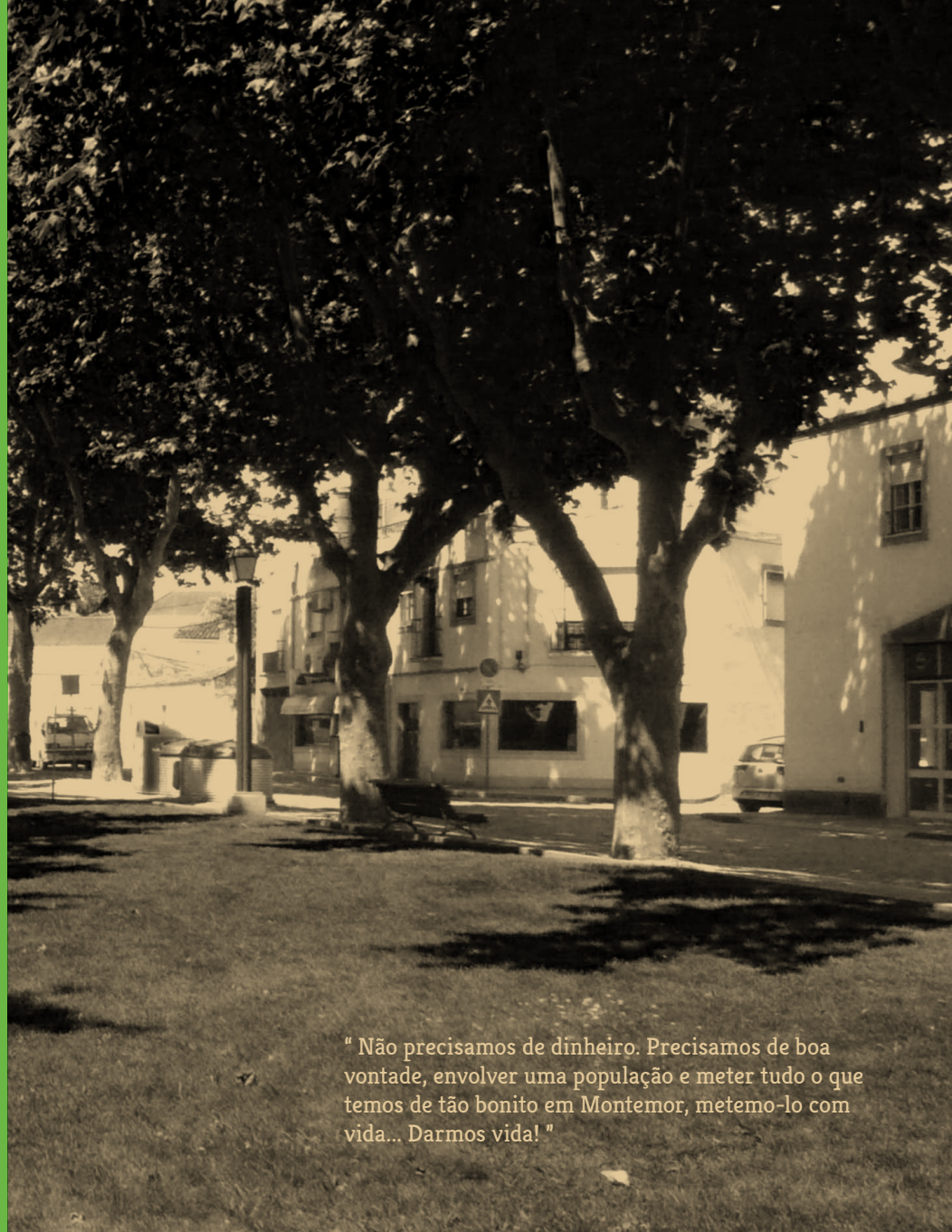
Carlos Tomaz Cebola (o Maior)
Carlos Dinis Tomaz Cebola nasceu em Nisa, em 1928, depois de concluídos os estudos do curso do Magistério Primário em Évora, exerceu o Magistério em Reguengos de Monsaraz, Montemor-o-Novo e Luanda até 1971, passando depois por vários cargos de inspecção e direcção escolar em Luanda, até se reformar em 1994. Voltou então a Montemor onde havia casado e onde nasceram os seus filhos e que tomou por terra adoptiva. Desde 1956 que percorre no mundo da escrita com várias peças de teatro, escritas e representadas e com alguns prémios a nível nacional. Desde 1999 que deixou de escrever para teatro, dedicando-se à poesia.

" (...) era um local que eu conhecia quando era miúdo, na minha infância. (...) recordo perfeitamente de atravessarmos a ponte. Quando o comboio estava a atravessar, passávamos lá por baixo. (...) e de vir muito brincar aqui para a zona da ribeira. (...) recordo-me deste trajecto entre Montemor e a Torre da Gadanha, em que o comboio, (...) movido a carvão, andava muito devagarinho, dava para descer do comboio e ir apanhar laranjas e depois montar outra vez. É assim as memórias que tenho dessa época, mas já lá vão uns anos bons. "

Mesa Posta, nº 2 ¤ ¤ ¤ ¤ ¤
1ª edição ¤ 200 exemplares ¤ ¤
edição e recolha de conteúdos
Oficinas do Convento ¤ ¤ ¤ ¤
curadoria Nuno Grenha ¤ ¤ ¤
edição gráfica Miguel Rocha ¤ ¤
¤ ¤ neste número colaboraram:
Jorge Filipe ¤ Nidia Fernandes,
Nélia Martins ¤ Tânia Teixeira
¤ ¤ ¤ Volker Sondermann ¤
Henrique Gabriel Carvalho ¤ ¤
Nuno Cacilhas ¤ ¤ ¤ Folha
de Montemor ¤ Olinda ¤
Virgínia Fróis ¤ Vítor Guita ¤
Arquivo Fotográfico MMN ¤ ¤ ¤

2014 - Município de Montemor-o-
Novo e Oficinas do Convento ¤ ¤
impressão Oficina de Impressão
- Oficinas do Convento e CMMN

Oficinas do Convento - associação
cultural de arte e comunicação
Carreira de S. Francisco, Convento de S.
Francisco 7050-160 Montemor-o-Novo
oc@oficinasdoconvento.com ¤ ¤
www.oficinasdoconvento.com ¤ ¤
viveracidade.oficinasdoconvento.com



" Não precisamos de dinheiro. Precisamos de boa vontade, envolver uma população e meter tudo o que temos de tão bonito em Montemor, metemo-lo com vida... Darmos vida! "

Mesa Posta

Nas zonas rurais de Montemor-o-Novo, quando chegava à época do Carnaval, as pessoas punham a mesa. Pôr a mesa significava encher uma mesa em casa com comida e bebida, e durante os dias de Carnaval, por vezes a semana inteira, ter a porta aberta para receber os visitantes. As pessoas andavam de aglomerado em aglomerado, de monte em monte, visitando assim velhos amigos ou familiares, conhecendo novas pessoas, sempre em volta de mesas postas, ao sabor de enchidos, doces, pratos tradicionais, vinhos e licores locais. Os acordeões e as gaitas eram comuns, acompanhando as danças, as conversas, os reencontros, e o caminhar. Era o momento do ano em que as pessoas se davam tempo para se visitar, se rever, se descontrair, com a primavera à porta, e o inverno duro a chegar ao fim. Com as transformações que o mundo rural sofreu, com a perda de população e alterações nas actividades agrícolas, este hábito foi caindo em desuso, e hoje em dia já não se faz. Sendo uma prática em relação à qual há bastantes memórias, e havendo um grande carinho daqueles que viveram as mesas postas, faz sentido procurar novos significados e contextos para o dar, oferecer a mesa e celebrar.

viveracidade
iniciativa
estrutura financiada por
em co-produção com
equipa criativa

